

RELAÇÕES DE GÊNERO: CORPO, “RAÇA” E GERAÇÃO EM CONTEXTOS DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Aluno: Ana Claudia de Souza Penha

Orientador: Sonia Giacomini

Introdução

A sociabilidade nas barracas do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, conhecido como Feira de São Cristóvão, situado na zona central da cidade do Rio de Janeiro, em particular aquelas dedicadas ao estilo brega, é o foco do estudo. Espaço simbólico e de intercâmbio multifuncional com diversificadas redes de relações econômicas, comerciais, políticas, interacionais, culturais e sociais, a Feira congrega uma multiplicidade de opções de lazer dentro daquilo que é chamado cultura popular regional nordestina. Durante os finais de semana, reúnem-se nordestinos, cariocas e turistas de diferentes partes do Brasil e do exterior para dançar, comer, ouvir música, beber, enfim, encontrar pessoas e se divertir.

Objetivos

A pesquisa procurou focar as redes de relações estabelecidas e como ocorre a sociabilidade neste ambiente em que o estilo brega configura um ambiente de lazer, de reconhecimento identitário e cultural do indivíduo, reunindo nordestinos, nortistas e cariocas, em grande parte pertencentes às camadas populares e à chamada “terceira idade”. Produzir uma etnografia do ambiente “brega” na Feira foi um dos objetivos dessa pesquisa.

Metodologia

Com base em Magnani (1998), o estudo faz uso da observação participante com trabalho de campo, e a aplicação de entrevistas com um questionário aberto visando à realização de um estudo qualitativo sobre as formas de sociabilidade neste espaço da Feira. Procurou-se no trabalho de campo chegar a uma compreensão dos valores, modos de vida e comportamentos do grupo de freqüentadores estudado. Dessa forma, procurou-se analisar as redes mobilizadas pelo “brega”, suas várias funções e como este estilo é definido por seus adeptos. Essa análise mostrou-se relevante para perceber como ocorre o uso do tempo de lazer entre os freqüentadores, levando em conta o funcionamento espacial das barracas, a organização, repertório e análise do perfil do grupo estudado.

Como nos aponta Magnani, o fato deste estudo ocorrer na cidade do Rio de Janeiro, coloca uma problemática: como estudar um universo próximo e conhecido, isto é “transformar o “familiar” em estranho” [1]?. Esse é, sem dúvida, o grande desafio de se realizar um estudo dentro de um contexto familiar ao pesquisador.

Procurou-se na análise do “brega”, uma caracterização do ambiente que revelou-se particularmente marcado pelo ideal romântico. Esse ideal romântico também fornece um padrão normativo regendo as relações emocionais entre os indivíduos, sobretudo entre homens e mulheres, sejam elas positivas ou negativas. As positivas são o amor e a paixão correspondidos, enquanto que as negativas são justamente os desencontros amorosos, a quebra ocorrida nas relações amorosas, sendo expressa, portanto, pela solidão, a tristeza, o abandono, a melancolia, a dor. Tais sentimentos são justamente o tema e o motivo do “brega”.

Conclusões

A análise do material de campo se deu com base no estudo teórico de diversos autores, o que dinamizou a compreensão e o enfoque sobre a sociabilidade corrente nas barracas “brega”, levantando aspectos comportamentais, relacionais, organizacionais, espaciais entre outros. A sociabilidade nas barracas com estilo brega na Feira de São Cristóvão ocorre de múltiplas formas, pois existem várias redes de relações; fãs e artistas, público e artistas, público e empregados, relações impessoais ou amistosas entre outras.

Segundo os depoimentos colhidos, o estilo brega é definido como um elemento que congrega possibilidades múltiplas. Este estilo estabelece normas comportamentais para a expressão das emoções, sejam elas afetivas, impessoais, hierarquizadas ou não. Afetivamente estas relações entre indivíduos são definidas por modelos padronizados, tal como o amor romântico, que segundo coloca Giddens (1994) tem no relacionamento afetivo envolvimentos emocionais que pressupõe uma relação estável.

O “brega” contém, assim, uma afirmação: ser romântico. Essa afirmação é robustecida através das letras das músicas e das pessoas sempre envolvidas em situações de perda, desilusão ou traição. A expressão destas emoções, além da necessidade afetiva, tem no excesso demonstrado um dado que confere a estes indivíduos, na maior parte pertencentes à “terceira idade”, uma possibilidade de liberdade em suas vivências e expressões. Assim, a idéia de “brega”, devido ao excesso, se aproxima e é identificado geralmente como aquilo que é considerado de mau-gosto. Nesse contexto, contudo, o “brega” é admitido como modelo positivo por configurar padrões aceitos pelo grupo.

Outro aspecto presente nesse grupo é uma representação onde o que é tido como popular assume o sentido de próprio, original, reconhecível e de fácil acesso. O aspecto moral é outro dado levantado, pois a moralidade é condizente aos valores pertencentes à faixa geracional do grupo, o que não significa uma restrição ao relacionamento amoroso entre pessoas de diferentes faixas etárias, ocorrendo principalmente relacionamentos de mulheres idosas com homens jovens.

Referências

- 1 - MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998. 166p.
- 2 - BOZON, M. **Mudança do envelhecimento sexual in Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 170p.
- 3 - GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. 2. ed. - São Paulo: Ed. Unesp, c1994. 228p.
- 4 - BARROS, M. M. L. de. **Velhos e jovens no Rio de Janeiro: processos de construção da realidade**. in **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 235p.
- 5 - ALVES, A. M. **Fazendo Antropologia no baile: uma discussão sobre observação participante in Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 235p.
- 6 - PANTOLFO, M. L. M. A feira de São Cristóvão: Espaço Sentimental do Nordeste no Rio de Janeiro. **Cadernos avulsos da biblioteca do professor do Colégio Pedro II**. Caderno n.12, p. 57. Rio de Janeiro, 1989.
- 7 - MAUSS, M. **A expressão obrigatória dos sentimentos (Rituais Oraís Funerários Australianos) (1921) in Ensaios de sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981. 493p.
- 8 - GASTALDO, É. “O complô da Torcida”: Futebol e Performance Masculina em Bares in **Horizontes Antropológicos. Antropologia e Performance**, ano II, n. 24, p. 107-121, jul./dez. 2005.